

A CILADA

SANGRENTA

Resumo da vida e do tragico assassinato
do saudoso jornalista
OTELLO MAVIGNIER

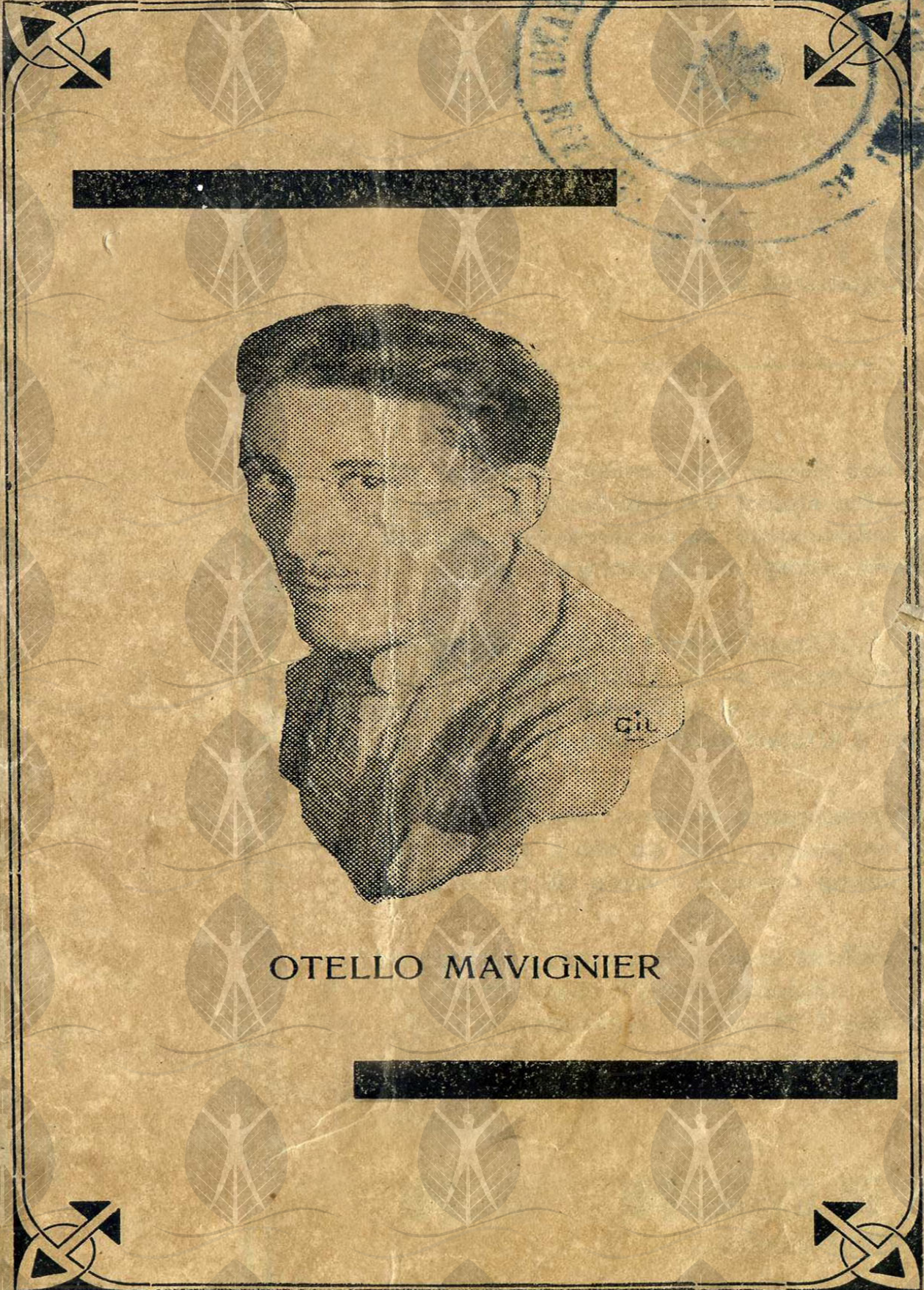
NOTAS COMPILADAS E MAN-
DADAS EDITAR PELA
REDACÇÃO D' "A RUA"



SEC-39592
-924-



OTELLO MAVIGNIER





Othello Mavignier

*Meu conterraneo e companheiro
de imprensa, a quem tributo esta
singela homenagem póstuma.*

Do nordeste nasceu para o calôr das lutas
A favor do ideal que lhe fremia nalma,
Da vida atravessando as tempestades brutas
A procurar da gloria a refulgente palma.

No coração lhe ardiam flamas impolutas
De civismo e de audacia. E, na existência incalma,
Descreu das sociedades ímpias e corrútas
Que se nutrem do mal que as inebria e ensalma.

Viveu para lutar e nunca compreendido
Unificou-se á dôr do povo amargurado
Para sentir do povo o agonico gemido.

— Não cabia no mundo este ideal sublime,
Por isto da maldade o genio rebelado
Uzou para extingui-lo a hediondês do crime.

30-4-932.

APOLINARIO DE SOUZA
(CHARLES VAGNER)

A' guisa de Prefaceo

Da nossa brilhante confrreira «Victoria-Regia» que obedece á ardorosa e fulgurante orientação intellectual dos academicos Francisco Bemfica e Mario Y. Monteiro, transcrevemos o artigo infra dado á publicidade na bem elaborada Revista amazonense.

«OTHELLO MAVIGNIER

Desappareceu subitamente, fulminado pelas balas de um acovardado espirito sem o desassombro sublime de enfrentar um homem peito a peito, o jornalista Othello Mavignier, director responsavel d'«A Rua», o jornalista de maior popularidade em todo o Amazonas, o jornalista que zurziu a face aos cobardes, estigmatizando-a com o ferrete enrubescido de sua penna facil.

Morreu o grande vanguardeiro dos ideaes sublimes da regeneração social!

Deixou a vida atribulada que levava na lucta diaria pela razão e o direito da plebe espeziñhada pelos gordos famelgas do dinheiro,—a alma eleita de Othello Mavignier, o homem que sozinho affrontou a capangagem solerte dos truanescos farroupilhas Moraes grupados em numero superior para as *razzias* calabrezes nos suburbios da capital do Amazonas!

E' morto o maior jornalista do Amazonas, o bohemio Othello Mavignier, o moço que descuidava de si proprio para auxiliar os pobres, num sublime rasgo de philantropia as mais das vezes raiando o fóra do commum.

Othello Mavignier éra nosso amigo e nosso confrade; collaborou diversas vezes em VICTORIA-REGIA, tendo nós tambem collaborado em seu jornal.

Não podíamos, portanto, sem derivar para um acto vil, imperdoavel, deixar de, sobre a sua memoria querida, lançar as flores singelas desta saudade eterna cantando nestas poucas linhas sem o fausto gabola das rhetoricas, mas ditadas tão somente pelo coração cultuando as reminiscencias do morto querido tombado na tragica tarde de 30 de Abril, na Avenida Eduardo Ribeiro, assassinado covardemente pelo dentista Aristides Leite.

Othello Mavignier era o —

Condôr predestináo a multiplos remigios
fitando, o olhar acceso, o sol e os astros baços...
Quando varria, alacre, a poeira das esferas,
feriu-lhe a morte em pleno abysmo dos espaços!...

VICTORIA-REGIA tarja de negro a sua primeira pagina, em respeitoso crépe ao passamento de Othello Mavignier, seu amigo e seu collaborador.

Requiescat in pace!»

I

Descendente de antiga familia, cuja origem franceza ramificou-se em Pernambuco a mais de cem annos, Otello Mavignier nasceu a 22 de Abril de 1896, em Maranguape, bella cidade que se estende ao sopé da serra do mesmo nome, no Estado do Ceará. Era filho do Snr. Gastão de Orleans N. Mavignier e de Dona Anna Gomes Mavignier, modestos proprietarios residentes na mencionada cidade. Aos sete annos, dotado de invulgar intelligencia, lia e escrevia correntemente, declamava, não gostava de guloseimas e esbravejava toda a vez que lhe vestiam calças curtas. Obediente, súbmisso, muito amante dos seus livros, completara aos nove annos o curso médio na escola publica local regida pela professora D. Florinda Sombra. Nesse tempo, tendo ido seu pae exercer a gerencia de um seringal acreano, Otello e Pedro—um dos seus irmãos, empregaram-se no commercio. A noite, apesar do cansaço das labutas do dia, numa idade em que muitos adolescentes buscam os folguedos e prazeres, o futuro jornalista era visto entrando a casa do desembargador Faustino de Albuquerque, então Juiz de Direito da Comarca, o qual ministrava aulas nocturnas frequentadas por muitos jovens maranguapenses.

Passados dois annos de real aproveitamento, o moço estudante é convidado para outro emprego na loja de um seu parente, á rua do Commercio, em Fortaleza. Data d'ahi, a sua matricula no Lyceu cearense, cujos professores lhe deram sempre as melhores notas durante o curso de humanidades. Concluido este, sentindo natural pendor para as lides jornalisticas, Otello sollicita e obtem do saudoso Principe dos jornalistas do Norte, Cel. João Brigido, um logar na Redacção do «Unitario». Assim, poude elle fazer a apren-

dizagem do *metier* que tanto o seduzia. Pouco tempo depois, surge outro jornal combativo, «Folha do Povo», sob a direcção de H. Firmeza e Odorico de Moraes, que defendiam a candidatura do coronel Marcos Franco Rabello á presidencia do Ceará. O nosso biografado aparece chefiando a reportagem do novo órgão ao mesmo tempo que varios jornaes e revistas publicavam-lhe a collaboração, transbordante de variados assumptos. No mez de Janeiro de 1912, culminando a campanha pró-Franco Rabello, foi dissolvida, a pata de cavallo, na praça do Ferreira, uma passeiata infantil, — uma duzia de creanças pereceu, cento e muitas outras pessôas ficaram seriamente feridas pelo insolito ataque da policia cearense. Estabelecida a confusão, em meio aos gritos lancinantes de dôr das mães abraçadas aos cadaversinhos dos filhos mutilados, dos soluços estertorantes dos paes e dos irmãos, surge um grupo de estudantes. Dentre elles, um dos mais moços galga o tecto de um bonde e, corajosamente, apontando a praça, começa o seu improviso com aquellas palavras profeticas que lhe ensinara o velho Mestre João Brigido: Nada mais escorregadio para um governo do que um chão ensanguentado...» O joven orador era Otello Mavignier. A sua peroração ardorosa clamando vingança, armou a multidão, e, nessa mesma noite, grupos de civis investiam furiosos contra a policia, cercando o quartel de cavalaria. Foi o rastilho que fez, em todo o Estado, explodir a revolução que apeiou do poder o então Governador Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly.

Em Outubro de 1915, regressando do Acre o Snr. Gastão Mavignier, Otello, já exercendo um cargo no Almoxarifado da E. F. Baturité, externa o desejo de vir para o Amazonas. Bem contrá as ponderações de sua desolada mãe, a saudade dos irmãos e dos parentes, no enthusiasmo dos seus dezenove annos, embarcou para Manáos, sendo, ao chegar nesta cidade, hospedado peia sua tia e madrinha D. Christina Mavignier Amado.

Em Manaus. Primeiros embates no jornalismo local. (Traços de sua vida publica e particular).

Dias após haver pisado a capital amazonense, a convite de um parente afim, Alberto Miranda, que exercia a gerencia do jornal «O Tempo», foi o inditoso moço occupar um lugar na revisão daquelle grande orgão diario. Creado o Horto florestal, pelo governo do Dr. Pedro Bacellar, teve Otello o primeiro encargo publico com a sua nomeação de guarda daquelle departamento estadual. Em 1917 casou-se com a senhora dona Santinha de Salles; decorrido anno e meio, nasce Delmar, primeiro filho do novel casal.

Mantendo, com o minguado ordenado, as despesas da familia, passando o dia nas occupações do Horto e metade da noite na revisão do jornal, mal lhe sobrando algumas horas para um necessario descanso, eis o funcionario emagrecido, estafado e doentio. Veio soccorrel-o o Dr. Alfredo da Matta, seu parente, conseguindo-lhe o cargo de amanuense da Secretaria da extincta Assembléa Legislativa. Foi este o segundo e ultimo emprego publico que exerceu. O classico atrazo de pagamento aos funcionarios do Estado de inferior cathegoria não o poupou, antes attingiu-o cruelmente: cahiu no poço dos exercicios findos a quasi totalidade dos seus vencimentos; isto fazia com que, deante dos collegas da Repartição, jovial e ironico, elle sentenciasse a situação: *é mais facil ganhar do que receber.*

Galga o poder o Desembargador Rego Monteiro, Otello deixa a amanuencia da Assembléa. Os desmandos, as acções quasi autocraticas do novo Governo, a fome e a nudez que invadiram o lar dos servidores do Estado, o numero incontavel de miserias Moraes e administrativas provocadas pela mór parte da camarilha governamental, despertaram a compaixão e a intelligencia do destemido idealista. De parceria com outros elementos, todos falhos de recursos pecuniarios, mas egualmente revoltados, enfrentando corajosamente o despotismo dominante, Otello Mavignier faz circular

A LUCTA, cuja primeira edição esgotou-se em menos de duas horas. Numa secção por elle escripta e devidamente assignada, epigrafada «Cartas aos trunfos politicos» zurzia rijamente a gente do governo. Era Chefe de policia Mario do Rego Monteiro; este fêl-o vir a sua presença e, querendo amedrontal-o, ameaçou-o de espancamento. O riso zombeteiro do destemido director d'«A Lucta» confundiu o Chefe que adoptou, então, o geito do suborno; mandaria pagar a Otello todos os seus vencimentos em atrazo no Thesouro e dar-lhe-ia passagens para o Ceará. O jornalista, esboçoando aquelle sorriso que lhe externava toda a ironia levanta-se e diz: *Está bem, Doutor, amanhã pôde lêr o jornal...* E, no dia seguinte, em lettras gordas, na primeira pagina, o jornal estampa a mais desaforada catilinaria contra o Chefe de Policia. Isto valeu a Mavignier o empastellamento da typographia impressora do seu vespertino. A's duas horas da madrugada, seis ou oito esbirros policiaes cercam-lhe a casa de residencia á rua Barroso. Otello, salta os muros dos quintaes visinhos e, de carreira, entra o quartel do 27 B. C., pedindo garantias ao Coronel Menescal de Vasconcellos, commandante daquella unidade do nosso Exercito.

Impossibilitado de continuar a lucta pela falta de officina que lhe assegurasse a impressão da folha combativa, não desanimou, todavia; e as celebres «Cartas» apparecem frequentemente em forma de boletins, circulam de mão em mão; apenas o signatario dellas por prudencia não apparece... A guarda pretoriana cuida surprehender no conhecido semanario «União Portugueza» indicios compromettedores; pela attitude desassomburada com que o seu director M. D. dos Passos Gomes verberou a vandolica inutilisação da typografia d'A LUCTA. E, a deshoras, estando a escrever no seu escriptorio redaccional, o Snr. Passos Gomes é victima de covarde e brutal aggressão policial.

Em 1922, quando Alcebiades Delamare, pelas columnas do «Gil Blas», sem motivos justos, abriu formidavel campanha contra a colonia portugueza no Brazil, o primeiro brado de solenne protesto partido

do extremo norte foi o que soltou Otello Mavignier. Com estupenda facilidade, compilando provas esmagadoras, documentando na Historia a defeza dos lusos, deu á publicidade o seu livro «Jacobinos e Nacionalistas», tendo a edição de mil exemplares rapidamente exgottada. Recebeu, por isso, do Dr. Veiga Simões, ex-consul de Portugal em Manãos, uma carta de agradecimento e felicitações.

Chega o mallogrado movimento libertador de 1924. O povo do Amazonas, em massa, applaude as forças de terra e mar. Ribeiro Junior vinga o brio dos amazonenses; raro é o dia em que o Governador revolucionario não segura os delapidadores do erario publico, arrancando-lhes com o irretorquível tributo de Redempção o pão do functionalismo faminto. Quem viveu aquelles agitados quarenta e poucos dias da Revolução amazonense, ha de, por certo, evocar a figura sympathica e bohemia de Otello Mavignier. Onde quer que se fizesse um comicio, troava a sua palavra fluente, ardega, entusiasta.

Vem a chamada legalidade eriçada nas bayonetas de 6.000 soldados, impondo-se na força dos canhões de um cruzador e tres destroyers, na vigilancia das metralhadoras de dois aviões. Levam Ribeiro Junior, Barata, Dubois, Azamor. O povo, porém, não os esquece. Acclama-lhes os nomes, parodia canções em voga realçando-lhes os feitos. E as tropas regresam ao sul, rotuladas de legalismo...

Estamos, agora, no periodo da Intervenção Alfredo Sá. Aprigio de Menezes edita o «Libertador», orgão propágandista dos idéaes levantados pela Revolução. Do novo corpo redaccional, entre outros, faz parte o antigo fundador d'A LUCTA. Para melhor orientar a opinião publica, Otello é mandado viajar pelo interior do Estado. Estão, na memoria de todos, as sensacionaes reportagens que motivaram aquelle Interventor romper as relações officiaes com alguns Superintendentes malbaratadores das rendas municipaes.

Já Presidente do Estado, o Dr. Ephigenio de Sales, ouviu, num comicio de operarios, a 1 de Maio de 1927, no trecho em que se cruzam a rua Municipal e a

Av. Eduardo Ribeiro, o improviso causticante com que Otello analysava a situação oppressora do seu governo. As palavras vehementes do orador popular attrahiram represalias do então Chefe de Policia, Dr. Raymundo Nogueira; quando os manifestantes regressavam do cemiterio, após a homenagem que prestaram aos operarios alli sepultados, um agente de policia deteve o jornalista, custodiando-o 24 horas numa sala da Chefatura.

* * *

Foi, ainda, na gestão do Dr. Ephigenio que o Dr. Araujo Lima, Prefeito da Capital, fez processar Otello. Por motivos que interessavam o proprio Prefeito este desistiu do andamento do processo que a Justiça, a seu requerimento, archivou.

O Governo do Dr. Dorval Porto encontra o nosso ardoroso pamphletario entregue a sua faina costumeira. Surge um *meeting*, Otello faz-se ouvir.

E' um extremado defensor da Alliança Liberal. Tem-n'o em vista, o irascivel delegado Cruz Camarão, que, por duas vezes, a pretexto de ser Otello perigoso agitador, prende-o.

Rebenta, simultaneamente, em quasi todo o paiz, a estrepitosa revolução de Outubro de 1930. Cae o presidente da Republica, caem os presidentes dos Estados; desmorona-se o carcomido edificio dos sobas republicanos,

Em Manãos, deposto o Dr. Dorval Porto pela Junta Governativa, o populacho, sem consideração nem piedade fez arder nas ruas montanhas de moveis, de livros, de trastes caseiros, pertencentes aos antigos dominadores. Eram immensas fogueiras, cujos clarões faiscentes illuminavam os rostos satisfeitos de milhares de creaturas, admiradas do modo tragico porque se consumiam as alfaias de uma gente que, ainda na vespera, impunha medo e respeito. Contrariamente ao que muitos pensavam, a Otello Mavignier revoltavam taes scenas.—*A que serve, dizia elle, o fogo destruir tudo isso; com esses vandalismos, parece até que quebremos a belleza da Revolução.*

Data desse tempo, a fundação do vespertino «A Rua». Em meio ao turbilhão das novas idéas de re-

construcção politica, social e administrativa levantadas por algumas folhas recém-creadas, sobressae o esforço intelligente dado á popularidade do novo jornal pelo seu director. A acolhida que teve o popular vespertino não envaideceu o moço jornalista e impenitente bohemio. Vemol'o, muitas vezes, sentado a meza dos botequins, redigindo um artigo, e voltar apressado á typographia, de onde sahia a noite, empallidecido, os cabellos em de-alinho, o palitó amarrotado, as calças de brim e os dedos com grandes borrões de tinta, quasi sempre esquecido de que até aquella hora não havia tomado uma só refeição. Desprendido, avesso a qualquer luxo ou vaidade, admirava-se elle proprio de muitas vezes não poder substituir os sapatos entortados e o chapéu engilhado pelo uso. Conta um seu parente que tendo, certo dia, convidado a Otello para almoçar com elle, sahiu-se o jornalista com esta facecia: *Caboclo, eu não dispenso o favor, mas estou com muita pressa, passa os cinco mil réis, vou comer em qualquer frege; é a mesma cousa.* De posse de uma nota daquelle valor, troca-a por pratas e, abala-se até o pavilhão da praça Tenreiro, seguido sem o presentir pelo parente. Na calçada estão dois operarios sem trabalho com quem Otello divide as moedas. De volta, surprehendido pela interrogação do outro, num trejeito de fundo desalento, exclama: *Caboclo, aquelles têm mais fome do que eu...*

Ninguem esqueceu, ainda, a insolita aggressão que elle soffreu do chamado grupo dos *lampeões*. «A RUA», profligando o procedimento de certos moços de nossa sociedade que, embriagados, no bairro da Cachoeirinha, de dentro de um automovel dispararam os revolvers sobre os que se divertiam numa humilde casinha, atrahiu sobre o seu director a ira dos accusados. Tres destes, armados, inesperadamente, numa taberna visinha a redacção, atacam Otello que recém operado num pé, mal podia equilibrar o corpo. Mas, a campanha do vespertino recrudesceu, mais violenta, mais ferrenha, até o ponto em que o grupo desordeiro, vigiado pelas autoridades policiaes, debandou.

Em dias do fim do anno transacto, resolvida satisfactoriamente para o Amazonas a velha pendencia

da ilha das Cotias, organisa a mocidade estudantina formidavel passeiata em regosijo ao reconhecimento dos nossos direitos. Em frente ao palacio Rio Negro, comprime-se a mole do povo. Dentre os oradores que saudam a completa victoria do Interventor Rogerio Coimbra, destacam-se o professor Carlos Mesquita e o inesquecivel director d'A RUA, freneticamente applaudidos pela numerosa assistencia.

Dias depois, por motivo da censura a imprensa, Otello suspende por duas semanas a publicação do vespertino; elle proprio, é convidado a explicar á policia a procedencia de um telegramma que publicou sobre os acontecimentos desenrolados na guarnição federal da capital de Matto-Grosso.

Finalisamos o presente capitulo, transcrevendo o commovedor appello de Otello Mavignier a colonia cearense; este artigo, que o saudoso jornalista escreveu nove dias antes de ser covardemente assassinado, está intitulado «Na fogueira humana» e empolga tanto pelo alcance da concepção, quanto pela singela belleza do estylo.

«CEARENSES:

Anonymamente têm sahido da vida "os heróes de uma raça tres seculos zurzida pelo latego de fogo de um sol perverso". Assim disse, com o acerto de sua robusta mentalidade, o autor dos "Desherdados", Carlos de Vasconcellos. E agora, que a terra dos verdes mares bravios encontra-se outra vez sob o guante compressor da secca impiedosa ardendo na fogueira da fome os legendarios das cruzadas mais elevadas do Brasil; os pioneiros das grandes conquistas liberaes da patria comum, cheios de fé, mesmo nos estertores da ultima agonia, fixando na retina embaciada pela nevoa suprema, o cantinho onde nasceram, a esplanada ressequida, a braza da atmospherá, e ~~todo aquelle~~ conjuncto amado que é o apanagio da sua historia desde a Confederação do Equador ao berço de Iracema até o mais humilde seringueiro do Acre!

Meus conterraneos que estaes nos paradoxos vitaes do Amazonas, reflecti, olhae espiritualmente para os nossos irmãos infelizes que se estirolam ás inclemencias da secca, pedindo agua, pedindo pão allucinadamente. Hontem elles tinham o santo Pedro II que dizia: *venda-se o ultimo brilhante da minha corôa, contanto que não morra um cearense de fome.* E hoje? O sopro de José Americo de Almeida, o titan do nordeste, abrindo na terra a fenda maravilhosa donde pensa surgir o liquido maravilhoso; rasgando florestas

para haver trabalho, porém sozinho enfrentando uma situação de incertezas, lutando contra um ambiente de discrição onde não falta a politicalha mercenaria e o idealismo desequilibrado!

Ajudemol-o com a força mental das nossas energias, para que elle vença a jornada de angustias amparando os seus irmãos de dôr e de sol. Essa attitude do titular da Viação vale por um programma e rememora uma época, esta phrase do ministro não se apagará jamais de nossas almas caldeadas no sofrimento: *Não deixarei a pasta emquanto perdurar a desoladora situação do nordeste; não posso abandonar os meus conterraneos nesse transe difícil.*

Tem aquella força moral do velho monarcha e a sinceridade do nordestino que sabe sentir tambem os rigores da crueldade periodica.

Nós, nordestinos que vivemos á margem do maior rio do mundo, tenhamos tambem a nossa attitude, envidemos os nossos esforços em favor dos nossos irmãos, façamos o que temos o dever de fazer, promovendo beneficios, conferencias, o pouco de tudo isso será muito para mitigar a fome de creancinhas e enxugar as lagrimas daquelles brasileiros que Deus escolheu, por um fatalismo do destino, para symbolo do martyrologio humano!!!

Temos alli, lugubrememente armada, desprendendo chamas para o infinito, pedindo a clemencia das proprias estrellas — a fome, carbonisando brasileiros nas labaredas sinistras da fogueira humana.”.

III

O barbaro, frio e covarde assassinato. Antecedentes do crime. Topicos da imprensa.

Otello Mavignier pouco fallava de si mesmo, dos seus projectos, das particularidades de sua vida algo desorganizada pela bohemia que só a elle prejudicava, pelo desinteresse material com que encarava as mais tormentosas situações. Bebia; porém, moderado, ninguém, jamais, o viu embriagado, cambaleando, ao menos. Não se lhe ouvia, siquer, por gracejo, um improprio, uma palavra obscena. Nos jornaes em que militou, quando mesmo retrucasse os insultos de sordidos inimigos, nunca empregou linguagem de baixo calão. Sollicitando um favor até de natureza monetaria, tinha-se como certo que o pedido beneficiava mais a outrem do que a elle proprio. Commentando acontecimentos quaesquer, pelas columnas do seu jornal, não se lhe pode negar a justeza dos conceitos que empregava,

pois sabia envolver as noticias dos maiores escandalos numa forma subtil, velada, onde a curiosidade do publico surprehendia apenas o que lhe era permittido saber. Esta, inegavelmente, uma das suas habilidades de professional jornalista, tanto mais admiravel quanto mais se reconhece que, em todo o Brasil, do Rio Grande ao Amazonas, a ardua missao de jornalista é acoimada de chantage pelos escroques, de escroquerie pelos seductores, de exploração pelos assassinos.

Traga a imprensa á publicidade um delicto, por maior que seja a sinceridade com que comente a realidade do facto criminoso, para punição dos culpados e para a moralisação da Sociedade, hão de vir sempre á baila todos os defeitos dos jornalistas, accrescidos, quasi sempre, de infamantes inverdades contra a sua integridade e capacidade profissionaes.

* * *

Publicando, a 28 de Abril, o rumoroso escandalo em que o dentista Aristides Leite é surprehendido pela propria esposa, no seu consultorio em acto amoroso com outra senhora casada, A RUA não fez mais do que positivar o facto já sabido e comentado por toda Manãos, inclusive o consequente espancamento da digna senhora pelo desalmado marido que duplamente vilipendiou elle proprio a honra do seu lar.

Sentindo que por meio de um boletim não mais rehabilitaria a sua dignidade professional com uma cynica *explicação necessaria*, o sanhudo dentista-capitão architectou o plano covarde e faccinoroso de eliminar a vida do destemido director d'A RUA.

Acompanhado do seu intimo amigo, o famigerado Costa Lima, Aristides Leite, rodou, de automovel, até altas horas da madrugada toda a cidade e os suburbios, catando a presa, trocando com o comparsa, idéas de assassino experiente sobre o exito infallivel da emboscada sangrenta. E a futura victima dormiu, em a noite de 29, o ultimo somno terreno.

No dia seguinte, ás 11 horas e 45 minutos, quando mais diminuto era o movimento de transeuntes na Avenida Eduardo Ribeiro, o plano sinistro teve a sua perversa execução. A'quella hora, effectivamente, encon-

trava-se Otello na Merceria Central com os senhores dr. Milton Elysio, Sigismundo Sampalo e Julio Monteiro. Penetram no reservado do estabelecimento, empunhando uma bengala o matador e o assecla; disfarçando sob a pallidez do rosto a peçonha da intenção criminosa, com um silbido de vibora na fala e o andar moroso e coleante, diz a Otello, a quem já alisava a ponta da gravata—*Você não deve ser meu inimigo, vamos alli para fóra... precisamos de um entendimento.* Longe de suspeitar a cilada, confiadamente, o jornalista respondeu apenas: *Pois não, dr.* Na rua, frente a taberna, estaca o grupo. Instado a publicar n'«A RUA» uma rectificação que desmentisse o escandaloso caso, Otello Mavignier retruca: *Não rectifico. O sr. publicou hontem um boletim chamando o meu jornal chantagista e voltando-se para Costa Lima accrescentou: Você pediu dinheiro a este senhor dizendo-lhe que comprava o meu silencio, diga, agora, si alguma vez eu mandei você falar com o senhor Aristides.*

Tão propicia occasião não escapou a sanha traiçoeira do selvagem criminoso que, recuando um passo, simulando tirar do bolso interno do paletó um documento disse: *tenho a prova...* e, fulminantemente, a queima-roupa, desfecha cinco tiros de pistola nas costas da indefeza victima. Satisfeita a covarde vingança, numa fuga de panthera saciada de sangue, o matador atravessa, correndo, a Avenida, mas, alcançado pelo clamor dos populares que o querem lynchar, é detido pelo Snr. Segismundo Sampaio que, conjuntamente o investigador policial Lindolpho Marques, lhe dá voz de prisão em flagrante, aprehendendo a arma ainda fumegante.

* * *

O profundo abalo que causou a morte do saudoso jornalista, concretisou-se no comparecimento de mais de 3000 pessoas que acompanharam o feretro e em outras tantas que aguardavam, no cemiterio, a chegada do prestito para o enterramento.

A missa de setimo dia mandada resar pela desolada familia do inditoso director d'«A RUA», encheu litteralmente a igreja de São Sebastião, sendo sentimen-

adíssimos os Snrs. Dr. Alfredo da Matta e o nosso confrade Antonio Mavignier de Castro, parentes proximos do corajoso jornalista. Essas e outras extraordinarias demonstrações de pesar prolongaram-se ainda manifestadas cabalmente em varias noticias e nos artigos que abaixo transcrevemos, escriptos por alguns dos numerosos amigos de Otello n'«A RUA» e em quasi toda a imprensa manauense.

Em alguns, terá, o leitor, o sentimento da Saudade, a dôr do Desalento, a tristeza do Lucto, em outros a condemnação formal do inutil assassinio, a maldição sobre o brutal criminoso, o clamor da vingança na serenidade da Justiça.

* * *

O ENTERRO DO DIRECTOR D'«A RUA» FOI UMA CONSAGRAÇÃO.

«Estavam determinadas varias festas para comemorar o dia do trabalho, porém a «Federação Trabalhista do Amazonas» resolveu alterar o programma, não dando as salvas annunciadas nem realisando a passeiata, em vista do assassinato de Otello Mavignier.

A «Federação» convidou todos os trabalhadores a comparecerem ao enterro de seu malogrado camarada, tendo as associações se reunido na sede desse syndicato trabalhista.

De lá, com os seus estandarles a pannejar, rumaram para o necroterio da Santa Casa onde, em camara ardente, se achava exposto o corpo do querido jornalista Otello Mavignier.

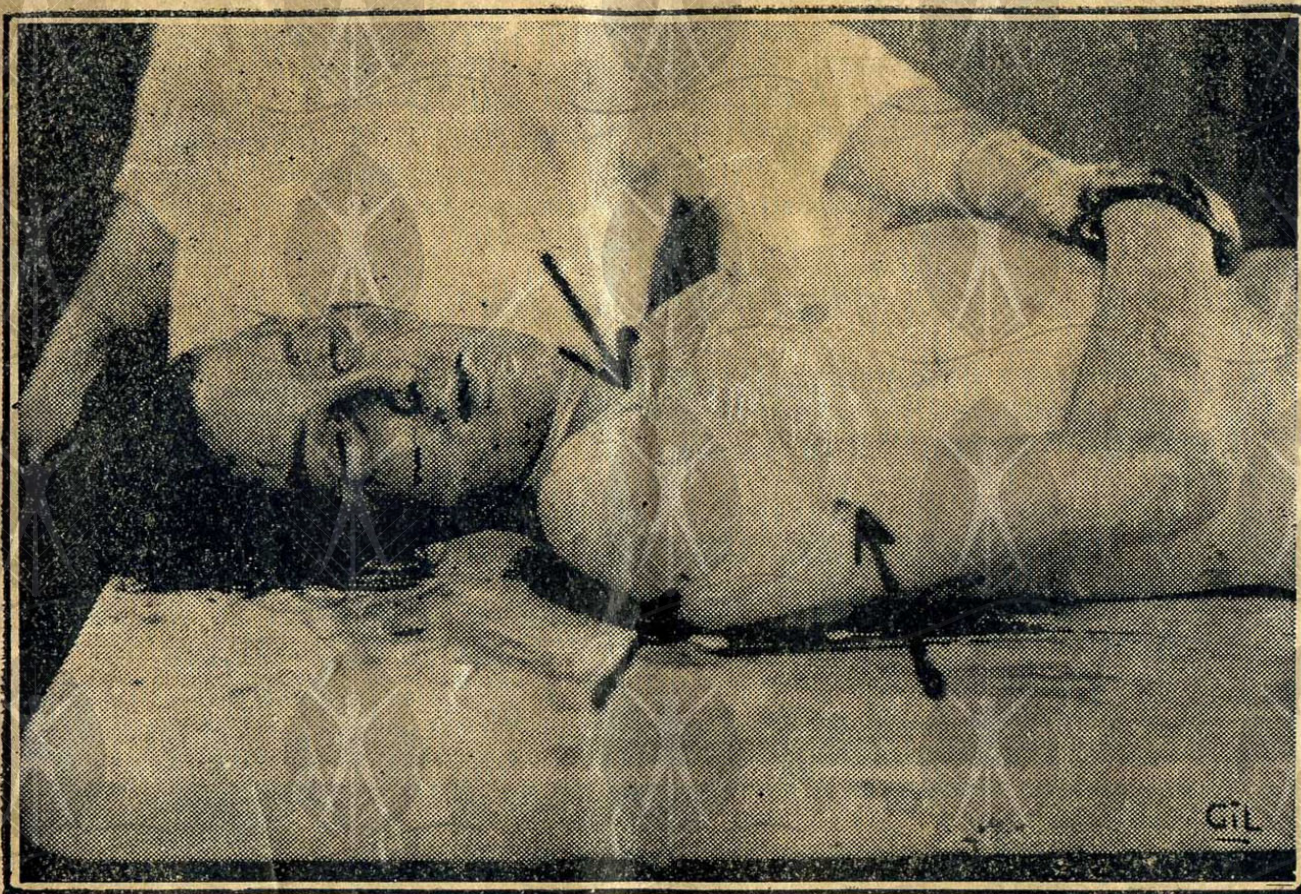
O pateo da Santa Casa estava completamente repleto de familias e de povo.

A's 9 horas poz-se em marcha o grande cortejo, que augmentou consideravelmente durante o trajecto para o cemiterio de S. João.

O enterro do inesquecivel director d'A RUA se fez a pé.

A frente da enorme massa popular, considerada em mais de 3.000 pessoas, ia o estandarte da «União Operaria Amazonense», a seguir o caixão mortuario ladeado pelas bandeiras da «Sociedade Beneficente dos Foguistas», «Construcção Civil», «Sociedade B. União dos Talhadores», «U. B. dos Marinheiros no Amazonas» e «Sociedade dos Estivadores», que eram conduzidas por seus associados.

O caixão mortuario foi conduzido por varias pessoas, por commissões da «Associação de Mestres e Praticos», da



O corpo de Otello na meza do Necroterio, antes da autopsia.

(As settas assignalam os orificios de entrada das balas assassinas:
duas no lado direito e duas nas costas, lado esquerdo).



W. P.
1870
ORDINE DE PLESSO

Ordre de Plessis
L'Ordre de Plessis
L'Ordre de Plessis
L'Ordre de Plessis

«União Beneficente dos Machinistas», de todas as associações federadas, por soldados do 27.º B/C, por guardas civis e marinheiros da Alfandega.

Ac sahir do necroterio o corpo do director d'A RUA, baixaram os estandartes em homenagem posthuma.

O TRAJECTO E AS PARADAS

O cortejo funebre fez o seguinte trajecto: - rua 10 de Julho, avenida Eduardo Ribeiro, onde parou um segundo á porta do «Jornal do Commercio»; rua Saldanha Marinho, parando na porta da nossa redacção, onde Otello Mavignier escreveu as verdades que queimavam como ferro em braza; rua Joaquim Sarmiento, estacionando um segundo em frente á casa onde Otello editou A LUTA, que os politicos da outra republica mandaram fechar; seguindo pela rua Henrique Martins, avenidas Eduardo Ribeiro, 7 de Setembro, Joaquim Nabuco, rua Silva Ramos, praça S. João, Boulevard Amazonas, até a necropole.

NO CAMPO SANTO

Na necropole de S. João aguardavam a chegada do corpo do grande jornalista innumeras senhoras, jornalistas, pessoas gradas, uma onda incalculavel de povo e o illustre dr. Waldemar Pedrosa.

OS ORADORES

Em frente a capella do cemiterio o academico Raymundo Botelho Maia, funcionario federal e irmão de Alvaro Maia, pronunciou sentido discurso, cheio de phrases arrebatadoras, dizendo dos grandes serviços de Mavignier a sociedade amazonense e terminou pedindo as benções dos céos para a alma do jornalista tão covardemente assassinado.

João Liberal, festejado amator theatral, em nome da nossa confrreira «A Sereia», disse o ultimo adeus a Otello e leu topicos do artigo estampado nesse semanario e a noticia que a A RUA publicou sobre a transformação do gabinete do assassino Aristides Leite em casa de «rendez-vous».

Fallou a seguir o joven Raymundo Cypriano de Oliveira, que em seu discurso pediu justiça para o assassino de Otello e que a policia tivesse sob custodia o sr. Costa Lima, que foi um dos instigadores do crime, conforme elle orador e o sr. Milton Elisio, alli presente, deduziram da conversa que com o dentista Aristides teve o referido Costa Lima, no café «Leão de Ouro», numa noite destas.

Em nome da corporação dos guardas da Alfandega e da «Sociedade Beneficente dos Aduaneiros» orou o sr. Ildfonso Saboya, que disse da saudade que deixava Otello Mavignier nesta terra, que é a dos filhos do assassinado e

que elle tanto amou. As palavras ultimas de Ildefonso Saboya arrancaram lagrimas e soluços.

Jonas Paes Barreto disse, com verbosidade fluente, o ultimo adeus a Otello de seus companheiros de jornaes.

Pelos estivadores de Manãos falou o sr. Odilio Wanderley, que solicitou a Justiça de Deus para o assassino de Otello.

O ENTERRAMENTO

Com dificuldade foram condusidos os restos mortaes de Otello Mavignier para a sepultura n. 28.696, quadro 15, devido a multidão que se aglomerava. Foram tiradas, pelo habil photographo Raymundo F. Araujo, varias chapas.

Junto a sepultura do director d'A RUA oraram os srs. Joaquim Gomes Evangelista, José Ferreira Coutinho, Izaac Rozenstein, amigo intimo do morto; Anilio G. Costa e Darlindo Pessoa Vianna.

Por ultimo falou Octavio Pires, pronunciando a seguinte oração:

«Otello;—com lagrimas nos olhos, teus companheiros d'A RUA vem te dizer o adeus da saudade.

Morreste victorioso!... Para abater a tua desassombrada penna foi necessario que um dentista Lovelace, covardemente, te extinguisse a vida.

A RUA, jornal pequeno que tão grandes serviços tem prestado á nossa sociedade, continuará a circular para clamar justiça.

Adeus Otello! Até o nosso encontro no céu, onde tua alma está bem juntinho a Deus, pelo muito que fizeste pelos pobres, pelos humildes, pelos operarios!...

* * *

A sepultura de Otello Mavignier ficou coberta de flores e illuminada por velas, que seus amigos e admiradores allí depositaram, como ultima homenagem.»

* * *

«MORREU O BANDEIRANTE DOS OPPRIMIDOS

Qual bandeirante intrepido e intemerato a rasgar, numa azafama louca, os grilhões forjados pela hypocrisia humana submersa em odio e villania, surgiu, das formosas plagas de Iracema, Otello Mavignier, esse abenegado e destemeroso paladino da virtude, do direito da justiça, irmanados num élo de sublimidade inexoravel para cumprir, como baluarte das grandes conquistas liberaes, através da palavra escripta, um programma cheio de fé, cheio de criterio, em holocausto daquelles que, no scenario tumultuoso

da vida, supplicando justiça no estertor de seus soffrimentos physicos e moraes, zuzidos pela burguezia prepotente de todos os tempos, sempre implacavel á justa causa do miseravel plebeu, procuravam-no para seu advogado, confiantes na rutilancia desassombrada e desinteressada de sua penna, inherentes ás qualidades insophismaveis de seu caracter e coração adamantinos.

E, victima do dever sacrosanto, tombou o nosso valoroso e inesquecivel collega, varado pelas balas assassinas de um tarado e asqueroso sêr, verdadeiro pharmacopeuta da immoralidade, do despeito e da justiça, a caracterisar-lhe a consciencia mil vezes maldita através da feracidade de seus instinctos satanicos, agindo com premeditação e de cumplicidade com «caftem» e abjectos bajuladores aventureiros.

Otello Mavignier, nosso denodado e dedicado companheiro de luctas, conseguiu, pela franqueza de suas atitudes emanadas da veneração que mantinha pela collectividade oppressa de dôr e amargura, immortalisar-se, vivendo para todo sempre em nossos corações e no coração do povo pelo qual muito soffreu, muito se sacrificou, renunciando mesmo toda sorte de prazeres ephemeros que a vida, por vezes, nos proporciona, na ancia incontida de aperfeigoar o seu caracter, para exemplo dos homens e para gloria de Deus.

Baqueou o bandeirante dos opprimidos conscio de que cumpriu, á risca, a sua missão na terra, conseguindo o ideal almejado pela excelsitude de seu elevado espirito,— batalhar e morrer pela redempção de um povo.

Æternum vale.

MARIO CARDOSO.»

* * *

«NOLI ME TANGERE

*A Octavio Pires, Mario Cardoso,
Caripuna Maués, e a todos os
amigos de Otello Mavignier.*

O leão, ferido de morte, ruge na saudade do deserto... abatida, a aguia, tem nos olhos o reflexo do céu, onde ella plainava livre e só...

Sem um queixume, cerrados os grandes olhos glaucos, teve, sobre esta terra, o fim do exilio espiritual, o moço que luctava na ansia da Liberdade, no desejo da Justiça, na aspiração da Bondade; mudamente, silenciosamente, levou para a Eternidade aquella intelligencia amalgamada de desespero e de esperança, de ironia e de indulgencia, de revolta e de piedade, de serenidade e de energia...

Aquelle coração varado pelas balas homicidas, vasou, copiosamente, dentro o peito, todo o seu sangue, tal uma fonte subterranea filtrando, lentamente, o marulho discreto, imperceptivel...

Mas o sacrificio do martyr lagrimou os olhos do povo, a alma da plebe comprehendeu-lhe o holocausto, percebeu-lhe o altruismo... Dahi, um grito formidavel, unico, soluço immenso que poderia absorver e resumir todas as variantes da desolação, do infortunio do abandono, tristes, negros, piedosos, como o vestido de crêpe com que o culto da Saudade ensombra o coração dos que ficaram...

* * *

Os homens menos impassiveis diante de si mesmos, são justamente aquelles que procuram soffrer por um ideal, por um pensamento que mesmo imperfeito, lhes dá, na hora extrema, a delicadeza e a perfeição dos sofrimentos divinos... As felicidades que estão fóra de um fim collimado, são como as ultimas luzes que ainda brilham depois da morte de uma estrella. E' o reflexo suave, é a illusoria irradiação de um bem que não existe... Otello amava o seu ideal; amava-o com o seu temperamento fortuito, desprendido, bohemio. Escrevia. Descobriera na vida jornalística o segredo delicado desses estupendos sentimentos de defeza liberal que lhe traziam á penna ora arremessos de glaudio lampejante, ora silvos cortantes de latego inexoravel.

Aquelle coração que baqueou exangue, symbolicamente, pulsa ainda, ao acaso, no corpo incorruptivel de um grande Povo e aquelle espirito está repartido pelas almas, que neste momento apprehensivo, nestas horas tremendas de reivindicações sociães, agitam as massas proletarias do Universo, para novas e sublimadas conquistas, attentas ao rumor e ao mysterio de um novo Destino.

* * *

Aprestando o seu pequeno jornal, como outróra Jasão o minuscuro navio, o intemerato idealista e os seus jovens, decididos companheiros, vinham singrando as ondas encrespadas da opinião publica, desviando-se dos occultos, temiveis escolhos do scepticismo, rumo certo ás plagas maravilhosas e longinquas da Verdade. Desappareceu o nauta. Sobresistem-lhe os bandeirantes. Ficaram-lhes as idéas, vivas, sonoras, palpitantes. As sômbrias ameaças da Covardia e da Trahição emprestam á memoria do timoneiro uma grandeza, um brilho, uma força, que em outras circumstancias não teriam.

A RUA, parcella da boa imprensa, será o refugio dos nobres ideaes, a ara da fé inquebrantavel a animação de todos os heroismos, será, mesmo, o altar de outros sa-

crifícios, o estímulo, a combatividade, o alento, o pulso do Amazonas vitalizado e portentoso, deste solo que rasgou sete palmos do seio immenso e generoso para guardar os despojos ensanguentados de Otello, cujo espirito, agora, debruçado sobre a vastidão verde-argenteada da Planície, certo de estar redivivo na saudade de seus amigos, nas lagrimas das mães, das esposas, das filhas, das irmãs, na admiração da mocidade, nas preces das creanças, na lembrança dos velhos, parece murmurar do alto ethereo, invulneravelmente, as palavras candentes do seu homonymo moiro ao Doge de Veneza: NOLI ME TANGERE... *ninguém me tocará.*

MAVIGNIER DE CASTRO».

* * *

«O MEU LIBELLO

Perdura ainda, no espirito publico, a mais profunda impressão pelo barbaro assassinato do director deste vespertino—Otello Mavignier, occorrido sabbado ultimo, ás onze horas e quarenta e cinco minutos, levado a effeito pelo dentista Aristides Leite.

Acto cobarde, revestido de todas as aggravantes, por sua frieza e crueldade, teve a reprovação e pezar da população desta capital, onde exercia sua actividade jornalística o inolvidavel e pranteado Mavignier, prematuramente arrancado da vida pelas balas assassinas de um mal cidadão que, além de haver poluido sua propria dignidade no exercicio de sua profissão, não vacillou faltar com a compostura necessaria para com a propria esposa, honesta e digna, não respeitando mesmo a innocencia dos seus dez filhinhos, no triste e lamentavel spectaculo de que foi protagonista no recinto do proprio lar, spectaculo censuravel e estarrecedor, veladamente reprovado na local da A RUA, de 28 do mez passado.

O sr. Aristides Leite, que se molestou com aquella local—estou certo que não o foi pelo ponto de honra, porquanto este ponto ao assassino pouco interessava, tendo-se em vista o malbaratar com que agio, espancando sua esposa, que defendia o pudor de sua propria honra, vilipendiada por quem tinha a imperiosa obrigação de defendel-a, mais ainda, prezal-a—estou certo, repito, não foi o ponto de honra que armou a mão do cobarde assassino, e sim a missão que teve do desmoronar da sua falsa posição, de hypocrisia profissional e o interesse commercial que lhe fugio, desde o cair da mascara de tartufo que lhe cobria a face biliosa de cobarde.

Quem leu, ha tempos, as verdades irretorquiveis publicadas neste vespertino pelo prothético dentario Emiliano Tinoco, contra o assassino de Mavignier, de certo que viu a confirmação no proceder immoral do sr. Aristides Leite,

quando surprehendido, no seu proprio gabinete dentario, em acção reprovavel por todo aquelle que possui e presa a honra e a dignidade da familia. Entretanto, o covarde matador não teve a coragem precisa de enfrentar o seu accusador, o que é a prova irrefutavel da sua culpabilidade.

Impenitente nas suas acções de consequencias deletérias á propria sociedade em que vivia, e que tão revoltantemente menoscabava com esse procedimento indigno dos homens de brio, não se commedio; continuando na sua hypocrisia a exercer, na sua profissão, aquelles mesmos reprovaveis actos, foi mais além! — surprehendido, não podendo fugir ao escandalo de um flagrante adulterino, em vez de occultar a face com o pejo da vergonha, demonstrou sua vilieza, seviciou a propria esposa que exercia um direito que lhe é deferido pelas leis sociaes e pela moral do matrimonio.

O que poderia doer na consciencia de um homem bruto, incorrecto, criminoso que não se respeita a si mesmo?

A honra pessoal? Não! Esta não a possui quem falta áquelles principios rigidos da moral do lar.

A honra da familia? Tambem não! Esta está incólume pela propria dignidade da familia que preza e defende, honra que não ficou maculada pelo procedimento do sevandija que a menosprezou com sua acção infame e censurabilissima.

Assim, o assassino premeditou o seu crime e não se desvairou para perpetrar-o, porque, na ira que acalentou na sua consciencia, havia, tão somente, o despeito do cio animalizado e que foi abalado pela reprovação da victima alanceada pelo golpe de sua brutalidade innominavel que, neste caso, é a sua honesta, desventurada e respeitavel esposa.

Admoestado pela reprovação da opinião publica, odiado pelas esposas honestas que lhe maldizem o exemplo, vigiado pelos chefes de familia que lhe retiraram a confiança, amaldiçoado pelo consenso da sociedade que não lhe conhecia as mazellas, as quaes viviam occultas pela simulação da tara que o estigmatiza, restava-lhe um meio de desonerar-se dessa repulsa: desertando da vida, alliviando e desaggravando a sociedade amazonense. Em vez disso, procurando um subterfugio ás maldições e zombarias de todos, o covarde machinou a trama da sua perversidade e, numa emboscada traiçoeira, matou um homem que por maiores que fossem os defeitos, estava acima de sua individualidade, quer pelos attributos de coragem com que defendia suas ideas, quer pela franqueza com que agia nas suas campanhas salutaes, quer, ainda, pela fulgurancia da sua intelligencia e da sua illustração.

* * *

Não havia quem ignorasse que o assassino ameaçava a victima e que andava armado para consummar o acto barbaro. A policia tinha conhecimento dessas ameaças,



A passagem do cortejo funebre nas ruas da cidade.

mas, em vez de proceder na conformidade dos textos legais que a regulamentam, desarmando o assassino, cruzou os braços e, daí, a ousadia com que foi perpetrado o crime e a afoiteza com que, mesmo depois de consummada sua obra maldita, e perversa, quando já numa das salas da Chefatura de Polícia, ter o sr. Aristides Leite esbordoado, perante a propria auctoridade policial, a testemunha que o prendeo em flagrante. Isto induz-me a solicitar do sr. interventor Federal a abertura de rigoroso inquerito, afim de que fique bem esclarecida a responsabilidade da policia pelo assassinato de Otello Mavignier, mormente, quando é essa propria auctoridade que, em seu relatório enviado á primeira promotoria da capital e referente ao crime, assim se expressa: *entretanto, tal não succedeu e Aristides Leite numa cidade policiada, em rua das mais movimentadas, procurando illudir aos presentes e a sua propria victima, assassinou fria e barbaramente a Otello Mavignier, na occasião em que, com extranhos, entrava em entendimentos.*

Os rigidos e theoreticos dispositivos do regulamento policial, não foram feitos para os ricos e sim para pobres e inofensivos cidadãos que são vigiados e revistados pelos policiaes, de ordem do seu chefe.

E' o caso de os que exercem a delicada e moralizadora profissão da imprensa, para se livrarem dos tigres enfarpelados que cruzam as ruas da nossa cidade desde que se lhes descobrem as mazellas mores, procurarem se precaver, para não ficarem inermes deante dos audaciosos assassinos da catadura do sr. Aristides Leite.

CARIPUNA MAUÉS.

* * *

«OTELLO MAVIGNIER E A ACADEMIA DOS NOVOS

A ampulheta do tempo, em sua marcha perpetua e ascensional, marcava o anno de 1919. Uma pleiade de jovens intellectuaes, todos elles impulsionados por ideias elevadas, fundaram a «Academia Amazonense dos Novos».

Entre os novos academicos, que muitas vezes se reuniam em meu escriptorio, discutindo sobre litteratura, artes, prosa, poesia, trocando ideias e pregando-me partidas, estavam o saudoso Otello Mavignier, Hemeterio Cabrinha, Antonio Mavignier de Castro, José Lima Verde, Julio Ferreira Caboclo, Alvaro Onety de Figueiredo, Luiz de Castro e Costa, Felismino Soares, José Saboia, Vicente Góes Telles e muitos outros.

De quando em vez surgia a polemica entre elles, renhida e empolgante, criticando-se uns aos outros a forma de escrever, a grammatica, atirando-se irreverencias e sarcasmos. Era o sangue novo e sadio latejando nas veias e

impulsionando essa mocidade esperançosa, cheia de vida, preparando-se para a grande jornada das realidades transcendentaes, em prol das bôas causas.

E quando se zangavam, no decurso das discordancias, na divergencia de convicções, era eu o pae das queixas, eu é que amainava as tempestades, approximando-os novamente. A harmonia voltava e elles se abraçavam para divergirem novamente no dia seguinte.

Mais tarde, aspirações e anceios separaram esse punhado de rapazes da nova geração. Uns se encontram actualmente no Ceará, outros no Rio, S. Paulo, Minas, etc.

Dessa escola, que recordamos com saudade, todos os que as circumstancias arrancaram ao nosso convivio, se teem imposto lá fóra pela energia, pelo character e pelas nobres convicções.

Dos que ficaram em Manãos, Hemeterio Cabrinha publicou «O Meu Sertão», «Satan», muitos artigos e poesias dispersas, entre as quaes a «Caveira», magnifico poemeto, minoseando-nos ha dias com a sua «Verêda Iluminada».

Otello Mavignier, dedicando-se á vida da imprensa, foi o que mais brilhou no jornalismo. Temperamento nervoso, intelligente e arrojado, de acção e de combate, elle se impôz á estima e admiração publica.

Bohemio como Maranhão Sobrinho, impetuoso e sensível ao soffrimento das classes trabalhadoras, era um verdadeiro lidador das justas causas e das reivindicações dos opprimidos.

Revolucionario com Ribeiro Junior e seus companheiros de jornada em 1924, ao rebentar a revolução de 1930 abraçou com extraordinario ardor a causa liberal, cantando magistralmente a arrancada gaucha á capital da Republica, tecendo-lhe hymnos de louvor e heroicidade, expondo desassombadamente pela imprensa e na tribuna o seu pensamento e as suas ideias, criticando, com energia e independencia, os erros da republica velha, concitando os dirigentes da nova ordem de cousas ao cumprimento de seus deveres.

Era um illuminado, um grande patriota e um perdurario da sua propria intelligencia.

Em 1922 publicou o seu primeiro livro: «Jacobinos e Nacionalistas», que alcançou grande successo de livraria, exgotando-se rapidamente 3 edições successivas. Publicou tambem alguns folhetos, as «Seccas do Nordeste», «O Amazonas e os Cearenses», poesias, etc.

Corajoso até á temeridade, soffreu resignadamente as faltas alheias. Essa é, portanto, a missão do jornalista compenetrado de sua nobre missão.

Descança em paz, Otello.

PASSOS GOMES».

«DOLOROSA TRAGEDIA

A catastrophe da Avenida em que perdeu a vida o destemido companheiro de jornada Otello Mavignier, continua a prender a atenção do espirito publico.

O momento é de apprehensões! Pelas esquinas, nos cafés, nos «bars», em todos os logares, falla-se, diz-se da perversidade de Aristides Leite, o dentista assassino e covarde, que a 30 de abril ultimo, traçoeiramente, com quatro tiros de pistola, fez tombar sem vida o inditoso confrade Otello Mavignier, ardoroso director deste vespertino.

Para que o publico possa avaliar o nefando crime e a sem razão do atavico dentista, resumamol-o no seguinte:

Otello Mavignier, noticiando o escandalo do consultorio do assassino em apreço, absteve-se nos seus pormenores e tanto assim que omittiu o nome da esposa faltosa, sua amante, nome esse que deixou de ser segredo, pois todos nós o conhecemos de perto, por se ter tornado publico. O protagonista do barbaro crime livrou a sociedade de um ente nocivo? Não e não. Pois que! Não foi Aristides Leite, como é do dominio publico, que sem a noção da responsabilidade, transformou seu gabinete em sordido lupanar? Não foi Aristides que desrespeitou e enxovalhou a sociedade amazonense? Não foi ainda o mesmo que espancou a sua virtuosa esposa? Sim, sim e sim. Já disse alhures e repito, a missão da imprensa livre e independente é a de bem informar ao publico, de quem e para quem vivemos, pouco se nos dando que, devido essa nossa attitude, nobre já se vê, desassombrada e moralisadora, possamos na ingreme trajectory jornalística, colher as urzes da desillusão. Os catões, os nullos e os hypocritas, em se tratando do mallogrado morto, acoiman-no de defeitos. Quem não os tem? Não disse o Divino Mestre — «aquelle que não tiver peccado, atire a primeira pedra»! Quem a atira? Pusillanimes! Bastou que o peso de uma forte camada de terra o opprimesse e o separasse desses cadavares ambulantes para não mais temerem o latego impiedoso da palavra escripta com que costumava zurzil-os.

Com desassombro no dizer, morreu Otello Mavignier, victima de uma cilada intame e de sua demasiada Boa fé. Joven ainda, quando a vida bohemia lhe sorria, morreu cantando e sorrindo na transcendental volupla da dôr suprema, nada o inquietava, era um sonhador! O seu espirito inquebrantavel ha de transpor os páramos solitarios e ascender o portico do incognoscivel, enquanto que ao criminoso, escoria delecteria formada da mais baixa camada social, resta-lhe o remorso. «Para o criminoso não ha descanço, não existe esquecimento. Sua consciencia, justiça e inflexivel, persegue-o sem cessar».

Ao jury, porem compete expurgar os elementos no-

civos á sociedade e dar um exemplo forte, livrando-nos de um monstro de semelhante especie.

Ademais a Providencia vela. Adeus companheiro de jornada cruciante!

LUIZ GONZAGA BESSA

(Director do «Correio de Manáos»).

* * *

«NO LIMINAR DO TUMULO DE MAVIGNIER

Othello Mavignier.

Do além, para onde partiste, levado pelas balas faticas e traiçoeiras do teu matador, manejadas pela mão assassina e pela empolada cobardia de quem te temia pelo desassombro de tua coragem, certamente implorarás vingança, apesar de aqui na terra teres sido um verdadeiro philosopho, pelo desprendimento que tinhas de todos os preconceitos sociaes. Deixaste filhos, esposa e amigos, alem da lacuna difficil de preencher que abriste no vasto solio jornalismo local.

Tiveste sempre o ideal luminoso de uma esperanza optimista que jamais te desanimou nas tuas luctas agitadas.

Foste um martyr na carreira que abraçaste, carreira que te levou precocemente á sepultura.

Os teus companheiros de trabalho ficaram desolados ante o teu cadaver immerso na morte, victima da ferocidade doentia de criminoso perverso, frio brutal, que revestio o seu acto consciente de todos os aggravantes dos matadores crueis.

Ha de perdurar por largo tempo na retina dos nossos olhos o quadro doloroso de tua morte e ficará perenne em nossa reminiscencia a tua memoria, aureoladas por aquelles lampejos verberantes do teu ideal de sonhador, que revelaste sempre pelas causas nobres e grandes da tua terra. Se tinhas defeitos, todos os temos. As tuas virtudes moraes, porém, cotejadas no crysol aferidor da sensibilidade emotiva, que te ornavam a alma, sobrepujavam os defeitos.

Recordamos a naturalidade com que desviavas as advertencias dos teus amigos quanto á temeraria bravura com que agias na faina gloriosa da tua nobre profissão jornalística. Dizias que não tinha importancia as ameaças. E' que ignoravas o coração dos barbaros, dos perversos, dos cobardes.

Essa ignorancia tralo-te. Foste victima da cobardia feroz. Em plena luz meridiana, no meio das tuas luctas moraes, foste colhido na cilada soez de um assassino vulgar, de um matador que na execução de sua sinistra vontade desrespeitou os fóros de uma cidade policiada, de uma sociedade confiante na civilização do seculo XX.

A tua sepultura mal fechada ainda, onde se absorveram as lagrimas sinceras de uma legião de amigos, fará desabrochar de entre os cômoros das saudades e demais flores que enfeitam, o grito do nosso protesto, e o protesto de justiça, que, estamos certos, punirá o teu matador sinistro, retirando-o do convívio da sociedade para detel-o no carcere, onde as sombras do remorso lhe laceram a consciência de tigre e o matarão lentamente na expiação do seu crime tenebroso e cobardíssimo.

Othello Mavignier, das sombras da morte verás, o lourejar da aurora da justiça e ouvirás o rugir da vingança que clama o teu sangue.

Confia na justiça dos homens que a de Deus é soberana, grande amigo.

HILARIO SILVA.»

* * *

«OTELLO MAVIGNIER

A cena que fria e brutalmente se desenrolou sabado passado, onde tombou vítima o nosso inteligente confrade Otello Mavignier, deixou no espirito publico uma impressão assaz dolorosa.

Uma noticia publicada na «A Rua» de 28 de Abril findo, sobre um escandalo familiar, facto esse largamente comentado nesta capital, e do qual foi protagonista o dr. Aristides Leite, cirurgião-dentista, deu margem á lamentavel occorrença.

No dia 30 do preterito, o citado cirurgião-dentista, cerca do meio dia, procurou Otello Mavignier, para obter uma retificação da noticia em que fôra envolvido o seu nome.

A'quela hara encontrava-se Otello com alguns amigos no reservado da «Mercearia Central» e sabendo desse fato, o dr. Aristides, para ahi se dirigiu e avistando-se com Otello, pediu-lhe para falarem em particular, saindo ambos para a Avenida.

Começaram a conversar, pedindo o sr. Aristides a Otello que retificasse a noticia, declarando este, que o não faria em virtude de um boletim que o dr. Aristides havia espalhado e em que era atacada a sua honorabilidade, acrescentando, que desse modo havia ficado a ofensa equiparada, se é que havia ofensa. Nessa ocasião tendo o sr. Costa Lima, que acompanhava o dr. Aristides, dada um aparte, Otello virou-se para ele, momento em que o dr. Aristides Leite, que se achava de lado esquerdo, aproveitou para sacar rapidamente uma pistola e desfeichar quatro tiros seguidos contra a sua vítima.

Os dois primeiros tiros atingiram Otello no lado direito; virando-se o inditoso jornalista, recebeu de costas os outros dois tiros, um dos quaes no coração.

O fato delituoso se desenrolou instantaneamente, com a rapidez do raio; podendo, entretanto, ser evitado por Costa Lima que se achava junto do criminoso e da vítima...

Praticado o crime o dr. Aristides Leite atravessou a avenida correndo sendo alcançado no canto da rua Saldanha Marinho pelo sr. Segismundo Sampaio, chegando a segnrir o investigador Lindolfo que lhe deu voz de prisão; enquanto que Otello se dirigiu cambaleando para Merccearia Central onde caiu envolto em um lago de sangue. Momentos depois o saudoso jornalista exalava o ultimo suspiro nos braços dos sr. dr. Adriano Jorge, presidente da Academia Amazonense de Letras, e desembargador Gaspar Guimarães Grão Mestre da Maçonaria de Amazonas e Acre, que morando nas imediações acorreram ao local da dolorosa tragedia.

Otello Mavignier era cearense, contava 36 annos de idade e era casado com d. Santinha Mavignier, professora publica no interior. Deixa tres filhinhos na orfandade.

Sobre os funeraes do málogrado jornalista, que era muito popular, transcrevemos do «Jornal do Commercio» a seguinte noticia:

«Teve um acompanhamento extraordinario, calculado em duas mil pessôas, o enterro do nosso inditoso confrade Otello Mavignier, director do vespertino «A Rua».

O trajecto, do necroterio da Santa Casa ao cemiterio de São João, foi feito a pé, sendo o caixão mortuario carregado pelos representantes das varias associações operarias, entre ellas a União Operaria Amazonense, União dos Foguistas, C. S. E. dos Talhadores, União dos Marioheiros do Amazonas, A. B. O. C. do Amazonas, com os respectivos estandartes.

O prestito funebre desceu a avenida Eduardo Ribeiro parando em frente a esta folha e ao «Rebate». Depois seguiu até á porta da redacção da «A Rua», onde estacionou, tomando dalli o rumo do cemiterio, pela avenida Joaquim Nabuco.

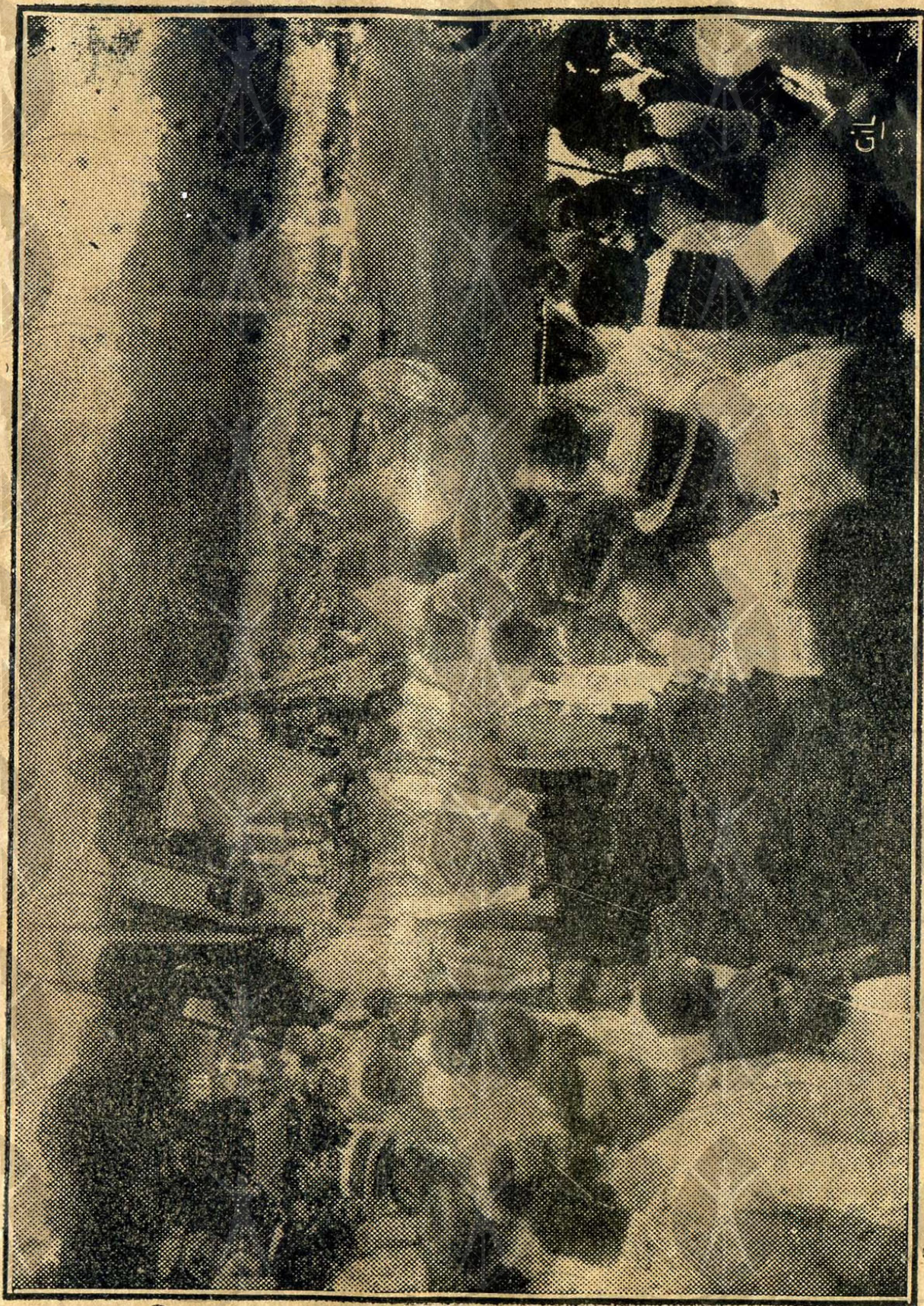
Naquella necropole achavam-se innumeras pessôas, inclusive incontaveis familias.

Em frente á capella falaram o academico Raymundo Botelho Maia, os srs. João Liberal, Raymundo Cypriano de Oliveira, Hdefonso Saboia, Jonas Paes Barreto e Raymundo Leocadio de Oliveira.

Ao baixar o corpo á sepultura fizeram-se ouvir os srs. Octavio Pires, pela «A Rua»; José Ferreira Coutinho, Isaac Rosenstein, Darlindo Vianna, Albino Costa e Joaquim Evangelista.

Foram offertados «bouquets» de flores naturaes pelas senhoras Isa Mavignier de Miranda e Suzette Pires, srs. dr. Alfredo da Matta e Izaltino Luna e por outras pessôas.

Além das delegações das sociedades operarias, assistiram ao enterramento o dr. Waldemar Pedrosa, interventor interino; o dr. Ismael de Almeida, chefe de policia interino; os representantes da imprensa amazonense, o dr. Souza



No cemitério de São João, o caixão mortuário baixando a sepultura.

Библ. Моск. ун-та. Физ.-матем. науки. Сер. Физ.-матем. науки. Т. 1. С. 104. № 43. 1970 г.



Brasil, representante do «Diário Carioca», da «Batalha» e da «Tribuna do Povo»; varios advogados de nosso fôro, estudantes, pessoas da familia do morto e muitas outras.

Lamentando a morte de nosso confrade Otello Mavignier apresentamos sentidos pezares a familia enlutada.»

(«União Portugueza» de 7-5-1932).

* * *

«O BARBARO ASSASSINATO DE OTELLO MAVIGNIER

Como promettemos na nossa ultima edicção que circulou horas após o assassinato, com uma mera nota, laconica, permittida pelos modestos moldes deste jornal, voltamos a tratar do assumpto.

As 11 horas e 55 minutos da manhã, repetidas detonações, alvoroçaram a nossa principal via publica.

Desde logo se evidenciou a realisacção do apregoado desforço do cirurgião-dentista, Aristides Leite, com o inditoso OTELLO MAVIGNIER, que aquelle promettia em revide ao artigo do popular vespertino *A Rua*, de direcção deste, incerto na edicção de 28 de Abril ultimo, ante-vespera do crime.

Longe de procurar os meios que a civilisacção proporciona com exagero á justa revide, legal, em taes casos, o dentista que se sentio offendido nos seus brios de namorado impido, permittindo a explosão canibalesca, preferio ser o juiz e o algoz do jornalista indomito, de quem tentou por suborno uma retrataçao que o fosse rehabilitar á continuaçao dos deleitantes amores clandestinos.

«A Sereia» que não adopta nem approva attitudes extremadas no jornalismo, porisso mesmo se sente bem em verberar o injustificavel procedimento homicida, sem a menor derimente legal, antes pelo contrario, matisado das mais agrestes aggravantes, como as do crime de Sabbado ultimo.

A Rua, commentou, repetimos, talvez com exagero, um factõ escandaloso de amores criminosos de que fõra protagonista o dentista. Nessa publicacção, repetidamente apparece a asserçao de requintada virtude da esposa do Sr. Aristides Leite, referindo-se a uma senhora casada, com quem o colloquio teria determinado uma mais ou menos grave scena de ciumes e consequente attricto entre o dentista e sua virtuosa esposa, cuja integridade phisica não foi respeitada, como devia, por um homem que se presume civilisado. Este factõ, teria levado um cunhado do dentista a interferir em favor de sua inditosa irmã, chegando tambem a aggressão do dentista.

Tivesse *A Rua* publicado o nome da senhora casada, do seu esposo, ou dado uma indicaçao determinante, vaga

que fosse, da senhora casada, talvez este semanario estivesse inteiramente ao lado do marido ultrajado, caso este assassinasse Mavignier ou outro.

Não! Nada disto houve. Caracterisando-se bem no homicidio, a aggravante do § 4.º do art. 30 do Codigo Penal, por se tratar de *motivo reprovado ou frivolo*.

Reprovado, porque quando muito procurou insinuar-se melhor no amor clandestino, senão criminoso, com a pratica do homicidio.

Um boletim feito circular pelo Sr. Aristides Leite, já revidara offensas, se é que estas existissem na publicação d' *A Rua*, liquidadas pela compensação.

A despeito de tudo, mil e uma affirmativas do depoimento do assassino no *flagrante*, lavrado na Policia Civil, evidenciam o afan com que vinha procurando por toda parte e, a toda hora, sua infeliz victima. Das suas proprias declarações, se depreheende clara e insophismavelmente a aggravante da *premeditação*, mediando mais de 24 horas entre a «*deliberação criminosa e a execução*», característica do § 2.º do art. 39.

Deixamos para depois, a aggravante do § 5.º, *superioridade de armas*, quando tivermos de tratar da acção da policia.

O *delinquente*, procedeu com fraude ou com abuso de confiança, como especifica o § 6.º, porque fez chamar por amigos sua victima, quando tinha uma pistola no bolso superior interno, do lado esquerdo do paletot, donde a teria tirado, dizendo que «*ia exhibir documentos comprovantes de sua innocencia*», desfechanbo-a consecutivamente, por 5 ou 6 vezes na sua victima, lograda na bôa fé pelos amigos que, certamente de bôa fé, tambem, entregaram OTELO ao seu assassino.

Existio a «*traição surpresa ou disfarce*», previstos no § 7.º das aggravantes consignadas no art. 34.

Não faltou a *emboscada*, condemnada pelo § 8.º e, quem nos diz que não tenha «*sido o crime ajustado entre dois ou mais individuos*», como consigna o § 13.º.

* * *

Tratemos da acção preventiva policial que parece ter fallido no assassinato de OTELO MAVIGNIER que, talvez tivesse sido evitado como devia, caso esta não fosse tão incredula, ou melhor, tão arraigada em crenças religiosas. ao ponto de julgar inrealisaveis tão aberrantes factos, de todas as normas christãs que eventualmente pontificavam nossa policia Civil na occasião.

Não é accusação, é referencia ao facto de um policial, ter-se preocupado mais em evitar que MAVIGNIER exalasse seu ultimo suspiro sem uma vela na mão, do que com a prisão do assassino.

Todos referiram, que o sr. Segismundo Sampaio, foi quem prendeu Aristides Leite, tendo chegado em seguida o investigador Lindolpo Marques. Apparece a prisão feita por este, sem referencia áquelle.

Dentro da policia. Aristides Leite, aggreoio o sr. Sampaio, tendo-lhe causado ferimento na região frontal esquerda, com derrame de sangue, servindo-se de uma bengala que ainda conservava em seu poder.

Não nos consta que tenha isto sido objecto de um inquerito, que se tivesse procedido a exame de «corpo de delicto» no sr. Sampaio, autuando-se o aggressor Aristides Leite que violou o Codigo Penal, com as aggravantes dos §§ 14 e 16 do art. 39, senão a 4 do corrente, 5 dias depois.

Como nada disto bastasse, principiam as *razões de defeza*, no final das proprias declarações do assassino na Policia, procurando justificar-se, furtando á sancção aggravante do § 5.º usando termos juridicos, quanto a *superioridade de armas*, e que sua victima estava acompanhada de mais 4 companheiros de redacção. Tanto mais extranhavel, quando o Reg. Geral da Policia Civil, até ainda ha pouco, prohibia a intromissão de advogados de defeza nos seus inqueritos, como a deixar que elles fossem ao Juizo Sum-

marriante, despidos dos recursos ardilosos do patrocínio antecipado dos delinquentes, com menosprezo dos interesses sociaes, assim malbaratados.

Commenta-se que pacatos cidadãos são *corridos*, conforme giria policial, quando os crimes se repetem, com a circumstancia de apregoados com antecedencia.

Como a consagrar a profunda revolta no seio da Sociedade Manauense, notadamente no meio proletario, os funeraes de OTELLO MAVIGNIER. constituiram verdadeiro successo, concretizando o mais solemne protesto contra seu assassinato, revestido dos mais barbaros requintes de perversidade, tendo para isso concorrido tambem a feliz coincidencia da data universal, para os operarios.

E' que a 1 de Maio deste anno, a costumeira romaria á nossa necropole, com que se homenageava todos os annos os operarios fallecidos teve tambem a missão de humanidade christã, de levar o companheiro sacrificado a balla por um burguez, como disse em feliz phrase, um dos ultimos oradores, a beira da sepultura, a qual baixavam os despojos de quem a menos de 24 horas, irradiava ainda toda combatividade indomita que precisou de meia dusia de ballas, sahidas de uma arma facinora, manejada por adestrado braço homicida.

O feretro sahido do necroterio da Santa Casa de Misericordia. percorreu o trecho da rua 10 de Julho, desceu á Avenida Eduardo Ribeiro, rua Saldanha Marinho, parando na redacção da *A Rua*, rua Joaquim Sarmiento, rua Henrique Martins, Avenida 7 de Setembro, Joaquim Nabuco, que subio até o Alto de Nazareth, enveredando pela calçada de São João e Boulevard Amazonas, chegando ao cemiterio com mais de 3.000 pessoas, sem exagero commum nessas estimativas, não contando muitos automoveis e um sem numero de pessoas que se agrupavam por toda a extensão do longo percurso.

No cemiterio, o cortejo funebre parou a

porta da capella fallando os seguintes oradores: Raymundo Maia; João Segismundo Liberal, por este semanario; Raymundo Cypriano de Oliveira; Ildefonso Saboya; Jonas Paes Barretto e Odilio Waederley.

O prestito seguiu para o logar da sepultura, onde ainda fallaram—Octavio Pires Junior; Izaak Rozenstein; Darlindo Pessôa Vianna e Abilio Zeferino da Costa.

Todos com tanto ardor e vehemencia que não pudemos concatenar notas de seus discursos, occorrendo-nos um que no calor da sua exaltação, acabou dizendo *que o assassino de OTELLO MAVIGNIER, bem merecia a sorte dos assassinos do malogrado João Pessôa.*

* * *

O assassino, sr. Aristides Leite, depois de prestar suas declarações na Policia, foi levado ao Quartel da extincta Força Policial, agora refugio de um minguido Corpo de Bombeiros Municipaes, porque arranhou ultimamente, ser reentregue administrativamente, no posto de Capitão daquella extincta força que deixara em tempos immemoraveis, como mero 2.º tenente, trocando a milicia pelos rendosos proventos da cirurgia dentaria onde parece, vinha triumphando.

Dizem que o remorso, «*o terrivel caçador de feras*», traz sobresaltado o sr. Aristides Leite que não tem podido dormir nem ficar só, teria pedido que o removessem para um alojamento collectivo, nos baixos do Quartel, recommendando que não permitissem a entrada de visitantes, sem previo annuncio, receioso talvez, da sua propria sombra.

Depois de tudo que aqui fica dito, devemos uma explicação aos nossos leitores e ao publico.

Conheciamos de vista o sr. Aristides Leite, de quem não tinhamos queixas e, nem nunca lhe pedimos para que ao menos fosse nosso assignante. Temos as melhores relações com os seus melhores amigos. Nossa attitude é de revolta contra o assassinato de OTELLO MAVIGNIER que era um bom amigo, inoffensivo, morigerado, com

raro talento e invulgar desassombro, tendo seus vícios e seus defeitos, que somente á elle prejudicavam.

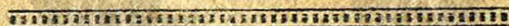
Este o unico motivo da nossa revolta, procurando trazer na medida de nossas forças, o contingente de que podemos dispor, á punição de quem lança mão do recurso extremo do assassinato, para enclausurar a liberdade de imprensa, já quasi amordaçada com a *lei scelerada*.

Aristides Leite, para nós, não matou somente OTELLO MAVIGNIER; matou um jornalista.

Repingamos a insinuação final do relatorio, com o offerecimento de 2 testemunhas. Porque seria tal *offerta*?

O serventuario da Promotoria do Districto do Crime, é effectivo, conhecendo theorica e practicamente a funcção do officio. E' o talentoso jovem Dr. Cassio Dantas Cavalcante que saberá cumprir o seu dever, independente de insinuações.

(A SEREIA, de 8-5-932).



Por absoluta falta de espaço e premencia de tempo, deixamos de reproduzir neste livreto muitos artigos, noticias e commentarios que sobre a covarde tragedia estamparam quasi todos os jornaes do Rio e dos Estados e ainda muitos outros publicados na imprensa de Manáos.







AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA